

Coleção **T**ypographos  
Direção: Antonio Carlos de Souza Lima

1. Processos e escolhas: estudos de sociologia política

*Elisa Pereira Reis*

2. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas

*Fredrik Barth*

organização: Tomke Lask

3. Criatividade social, subjetividade coletiva  
e a modernidade brasileira contemporânea

*José Maurício Domingues*

FREDRIK BARTH  
[organização: Tomke Lask]

Para U-16 Data 06A  
Professor Andreas OB  
Cópia 07

# *o guru, o iniciador e outras variações antropológicas*

Tradução  
*John Cunha Comenford*

contra  
CAPA

## Os grupos étnicos e suas fronteiras

Esta coletânea de ensaios aborda a problemática dos grupos étnicos e de sua permanência<sup>1</sup>. Apesar de negligenciado, esse tema é de grande importância para a antropologia social. Praticamente todo raciocínio antropológico baseia-se na premissa de que a variação cultural é descontínua: supõe-se que há agregados humanos que compartilham essencialmente uma mesma cultura e que há diferenças interligadas que distinguem cada uma dessas culturas de todas as outras. Uma vez que cultura nada mais é do que uma maneira de descrever o comportamento humano, segue-se disso que há grupos delimitados de pessoas, ou seja, unidades étnicas que correspondem a cada cultura. Muita atenção tem sido dedicada às diferenças entre culturas, bem como às suas fronteiras e às conexões históricas entre elas; mas o processo de constituição dos grupos étnicos e a natureza das fronteiras entre estes não têm sido investigados na mesma medida. Os antropólogos sociais têm evitado esses problemas usando um conceito extremamente abstrato de "sociedade" para representar o sistema social abrangente dentro do qual grupos e unidades menores e concretos podem ser analisados. Este uso do

---

<sup>1</sup> Do original: "Introduction". F. BARTH (ed.), *Ethnic groups and boundaries*. Bergen-Oslo/Boston: Universitets Forlaget/Little Brown, 1969.

<sup>2</sup> N. do R. da T. Esta coletânea de textos de autores escandinavos organizada por Fredrik Barth a partir de um simpósio financiado pela Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, realizado na Universidade de Bergen de 23 a 26 de fevereiro de 1967, teve consequências fundamentais para o estudo das questões relativas à etnicidade e à construção de fronteiras entre grupos étnicos.

conceito, porém, desconsidera as características e fronteiras empíricas dos grupos étnicos, bem como as importantes questões teóricas que uma investigação das mesmas levanta.

Ainda que hoje ninguém mais sustente a ingênua suposição de que cada tribo e cada povo mantêm sua cultura através de uma indiferença hostil com relação a seus vizinhos, ainda persiste a visão simplista de que os isolamentos social e geográfico foram os fatores cruciais para a manutenção da diversidade cultural. Uma investigação empírica do caráter das fronteiras étnicas, tal como apresentada nos ensaios que se seguem, traz duas descobertas que, apesar de não serem nem um pouco surpreendentes, demonstram bem a inadequação dessa visão. Em primeiro lugar, torna-se claro que as fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções entre categorias étnicas não dependem da ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, através dos quais, *apesar* das mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias de vida individuais, estas distinções são mantidas. Em segundo lugar, há relações sociais estáveis, persistentes e freqüentemente vitais que não apenas atravessam essas fronteiras como também muitas vezes baseiam-se precisamente na existência de status étnicos dicotomizados. Dito de outro modo, as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais mas, ao contrário, são freqüentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos. A interação dentro desses sistemas não leva à sua destruição pela mudança e pela aculturação: as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre etnias.

### *Princípios gerais da abordagem*

Há aqui, portanto, um importante campo de questões que precisa ser repensado. É necessário um ataque simultaneamente teórico e empírico: precisamos investigar detalhadamente os fatos empíricos em diversos casos e adequar nossos conceitos a esses fatos, de modo

a elucidá-los da maneira mais simples e pertinente possível e a permitir explorar suas implicações. Nos ensaios seguintes, cada autor aborda um caso com o qual está intimamente familiarizado em função de seu trabalho de campo, e tenta aplicar à análise um conjunto comum de conceitos. O principal ponto de partida teórico é composto por várias partes interconectadas. Em primeiro lugar, enfatizamos o fato de que grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores; conseqüentemente, têm como característica organizar as interações entre as pessoas. Tentamos relacionar outras características dos grupos étnicos a essa característica básica. Em segundo lugar, todos os trabalhos apresentados assumem na análise um ponto de vista gerativo: em vez de trabalharmos com uma tipologia de formas de grupos e de relações étnicas, tentamos explorar os diferentes processos que parecem estar envolvidos na geração e manutenção dos grupos étnicos. Em terceiro lugar, para observarmos esses processos, deslocamos o foco da investigação da constituição interna e da história de cada grupo para as fronteiras étnicas e a sua manutenção. Cada um desses pontos requer certa elaboração.

### *Definição de grupo étnico*

A expressão grupo étnico é geralmente entendida na literatura antropológica (ver, por exemplo, Narroll 1964) como a designação de uma população que:

1. em grande medida se autoperpetua do ponto de vista biológico;
2. compartilha valores culturais fundamentais, realizados de modo patentemente unitário em determinadas formas culturais;
3. constitui um campo de comunicação e interação;
4. tem um conjunto de membros que se identificam e são identificados por outros, como constituindo uma categoria que pode ser distinguida de outras categorias da mesma ordem.

Essa definição típico-ideal não está muito longe, em termos de conteúdo, da proposição tradicional de que uma raça = uma

cultura = uma língua, e de que sociedade = unidade que rejeita ou discrimina outros. Mesmo assim, na forma modificada apresentada acima, não deixa de ser uma definição que se aproxima suficientemente de muitas situações etnográficas empíricas, ao menos tal como elas apareceram e foram relatadas, de modo que esse significado continua a ser útil para os objetivos da maioria dos antropólogos. Minha discordância não diz respeito tanto ao conteúdo substantivo dessas características, ainda que eu pretenda demonstrar que temos muito a ganhar com uma certa mudança de ênfase: minha principal objeção é que, tal como está formulada, essa definição nos impede de compreender o fenômeno dos grupos étnicos e seu lugar na sociedade e na cultura humanas. Isso porque ela evita as questões mais fundamentais: ao tentar oferecer um modelo típico-ideal de uma forma empírica encontrada recorrentemente, essa formulação traz implícita uma visão preconcebida de quais são os fatores significativos para a gênese, a estrutura e a função de tais grupos.

O principal problema desta visão é o seu pressuposto de que a manutenção das fronteiras não é problemática, e que isto se dá como consequência do isolamento que as características arroladas implicam: diferenças racial e cultural, separação social, barreiras linguísticas, inimizade espontânea e organizada. Com isso, limita-se também a gama de fatores que usamos para explicar a diversidade cultural: somos levados a imaginar cada grupo desenvolvendo sua forma cultural e social em isolamento relativo, respondendo principalmente a fatores ecológicos locais, através de uma história de adaptação por invenção e empréstimos seletivos. Essa história produziu um mundo de povos separados, cada qual com sua cultura e organizado em uma sociedade, passível de ser legitimamente isolada para descrição como se fosse uma ilha.

### *Os grupos étnicos como unidades portadoras de cultura*

Em vez de discutir a adequação dessa versão da história da cultura para qualquer coisa que não ilhas pelágicas, apontarei algumas das

inconsistências lógicas desse ponto de vista. Dentre as características listadas, geralmente o compartilhamento de uma mesma cultura assume importância central. Na minha concepção, é muito mais vantajoso considerar essa importante característica como uma consequência ou resultado ao invés de tomá-la como um aspecto primário ou definidor da organização dos grupos étnicos. Quando se opta por considerar como característica primária dos grupos étnicos seu aspecto de unidades portadoras de cultura, há uma série de implicações de longo alcance. Somos levados a identificar e distinguir os grupos étnicos pelas características morfológicas das culturas das quais eles são os portadores. Esse ponto de vista contém um opinião preconcebida a respeito (i) da natureza da continuidade dessas unidades no tempo; e (ii) do locus dos fatores que determinam a forma dessas unidades.

1. Dada a ênfase na dimensão desses grupos como portadores de cultura, a classificação das pessoas e dos grupos locais como membros de um grupo étnico deve necessariamente depender da presença de traços culturais particulares. Na tradição das áreas culturais, isso é algo que pode ser julgado objetivamente pelo observador etnográfico, sem que se leve em conta as categorias e preconceitos dos atores. Diferenças entre os grupos tornam-se diferenças entre inventários de traços; a atenção concentra-se sobre a análise das culturas, em detrimento da organização étnica. Consequentemente a relação dinâmica entre os grupos será descrita através de estudos de aculturação do tipo que atrai cada vez menos interesse na antropologia, ainda que sua inadequação teórica nunca tenha sido discutida a fundo. E uma vez que a origem histórica de qualquer conjunto de traços culturais é sempre diversificada, esse ponto de vista abre espaço também para uma "etnohistória" que produz uma crônica de aquisições e mudanças culturais e tenta explicar a causa do empréstimo de certos itens. No entanto qual é efetivamente a unidade cuja continuidade no tempo é representada nesses estudos? Paradoxalmente, aí devem ser incluídas culturas existentes no passado, que no presente seriam evidentemente

excluídas devido a diferenças entre suas formas — justamente as diferenças usadas para identificar a diferenciação sincrônica de unidades étnicas. Essa confusão certamente não ajuda a esclarecer a interconexão entre "grupo étnico" e "cultura".

2. As formas culturais aparentes que podem ser arroladas em séries de traços exibem os efeitos da ecologia. Não me refiro aqui ao fato de que elas refletem uma história de adaptação ao meio ambiente; em um sentido mais imediato, elas também refletem as circunstâncias externas às quais os atores têm que se acomodar. Será que as mesmas pessoas, com os mesmos valores e idéias, não adotariam diferentes padrões de vida e institucionalizariam diferentes formas de comportamento, se postas diante de oportunidades diferentes oferecidas por ambientes distintos? Além disso, também é razoável esperar que um dado grupo étnico, distribuindo-se sobre um território que apresenta circunstâncias ecológicas variáveis, mostre uma diversidade regional de comportamentos institucionalizados manifestos que não reflete diferenças de orientação cultural. Como então classificar essa diversidade, se adotamos as formas institucionais explícitas como critério diagnóstico? Um exemplo pertinente é a distribuição e a diversidade dos sistemas sociais locais dos Pathan<sup>4</sup>. Em função de seus valores básicos, um pathan das áreas montanhosas ao sul, nas quais há uma organização homogênea baseada em linhagens, necessariamente percebe o comportamento dos Pathan, de Swat, como algo tão diferente e tão repreensível em termos de seus próprios valores, que dizem que seus irmãos do norte "não são mais pathan". De fato, em termos de critérios "objetivos", o padrão explícito de organização destes últimos parece mais próximo daquele dos Punjabi. Mas eu descobri que, explicando aos Pathan do sul as circunstâncias existentes no norte, era possível fazê-los concordar que os do norte eram também pathan, e até mesmo admitir que, naquelas circunstâncias, eles

<sup>4</sup> N. do E. Ver, no presente volume, o capítulo "A identidade pathan e sua manutenção", p. 69-93.

próprios talvez agissem da mesma maneira. É, portanto, inadequado considerar que as formas institucionais manifestas constituem as características culturais que a todo momento permitem distinguir um grupo étnico, pois estas formas são determinadas tanto pela ecologia quanto pelo legado cultural. Também não é correto alegar que toda diversificação interna a um grupo seja um primeiro passo rumo à subdivisão e à multiplicação de unidades. Há casos bem conhecidos e documentados de um mesmo grupo étnico, caracterizando-se também por um nível relativamente simples de organização econômica, ocupando vários nichos ecológicos diferentes e, ainda assim, mantendo uma unidade cultural e étnica básica durante longos períodos de tempo, como, por exemplo, o caso dos Chuckchee do interior e do litoral (Bogoras 1904-9) ou dos lapões das renas, dos rios e do litoral (Gjessing 1954).

Em seu ensaio "Diferenciação étnica e cultural", Blom<sup>5</sup> apresenta argumentos convincentes a respeito desse ponto ao estudar os agricultores das regiões montanhosas da Noruega central. Ele mostra como a participação e auto-avaliação desses agricultores no que diz respeito aos valores noruegueses mais gerais assegura um pertencimento contínuo ao grupo étnico mais amplo, apesar dos padrões de atividade extremamente específicos e desviantes que a ecologia local lhes impõe. Para analisar casos como esse, precisamos assumir um ponto de vista que não confunda os efeitos das circunstâncias ecológicas sobre o comportamento com os efeitos da tradição cultural, tornando possível a separação desses fatores e a investigação dos componentes culturais e sociais não-ecológicos que agem no sentido da criação de diversidade.

### *Os grupos étnicos como tipo organizacional*

Ao se focar aquilo que é socialmente efetivo, os grupos étnicos passam a ser vistos como uma forma de organização social. A característica

<sup>5</sup> BLOM, Jan-Petter. "Ethnic and cultural differentiation". Em: F. BARTH (ed.) *Ethnic groups and boundaries*. Op. cit.

crítica passa a ser então o item 4 da lista da página 27: a auto-atribuição e a atribuição por outros. A atribuição de uma categoria é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica, mais geral, determinada presumivelmente por sua origem e circunstâncias de conformação. Nesse sentido organizacional, quando os atores, tendo como finalidade a interação, usam identidades étnicas para se categorizar e categorizar os outros, passam a formar grupos étnicos.

É importante reconhecer que apesar das categorias étnicas levarem em conta diferenças culturais, não podemos pressupor qualquer relação de correspondência simples entre as unidades étnicas e as semelhanças e diferenças culturais. As características a serem efetivamente levadas em conta não correspondem ao somatório das diferenças "objetivas": são apenas aquelas que os próprios atores consideram significativas. Por um lado, variações ecológicas às vezes marcam e exageram certas diferenças; por outro, algumas diferenças culturais são usadas pelos atores como sinais e emblemas de diferença, ignorando-se outras. Além disso, em algumas relações diferenças radicais são atenuadas e denegadas. O conteúdo cultural das dicotomias étnicas parece ser, em termos analíticos, de duas ordens diferentes: (i) sinais e signos manifestos, que constituem as características diacríticas que as pessoas buscam e exibem para mostrar sua identidade; trata-se freqüentemente de características tais como vestimenta, língua, forma das casas ou estilo geral de vida; e (ii) orientações valorativas básicas, ou seja, os padrões de moralidade e excelência pelos quais as performances são julgadas. Uma vez que pertencer a uma categoria étnica implica ser um certo tipo de pessoa e ter determinada identidade básica, isto também implica reivindicar ser julgado e julgar-se a si mesmo de acordo com os padrões que são relevantes para tal identidade. Nenhum desses tipos de "conteúdos" culturais deriva de uma simples lista descritiva de características ou diferenças culturais; não se pode prever a partir de princípios primários quais características os atores irão efetivamente enfatizar e tornar organizacionalmente relevantes.

Em outras palavras, as categorias étnicas oferecem um recipiente organizacional que pode receber conteúdo em diferentes quantidades e formas nos diversos sistemas socioculturais. Podem ter grande importância em termos de comportamento, mas não necessariamente; podem colorir toda a vida social, mas também ser relevantes apenas em determinados setores de atividade. Há claramente aqui um grande campo para descrições etnográficas e comparativas das diferentes formas de organização étnica.

A ênfase na atribuição como característica fundamental dos grupos étnicos resolve também as duas dificuldades conceituais discutidas anteriormente.

1. Quando as unidades étnicas são definidas como um grupo atributivo e exclusivo, a sua continuidade é clara: ela depende da manutenção de uma fronteira. As características culturais que assinalam a fronteira podem mudar, assim como podem ser transformadas as características culturais dos membros e até mesmo alterada a forma de organização do grupo. Mas o fato de haver uma contínua dicotomização entre membros e não-membros nos permite especificar a natureza da continuidade e investigar forma e conteúdo culturais em mudança.

2. Apenas os fatores socialmente relevantes tornam-se importantes para diagnosticar o pertencimento, e não as diferenças explícitas e "objetivas" que são geradas a partir de outros fatores. Não importa quão diferentes sejam os membros em termos de seu comportamento manifesto: se eles dizem que são A, em contraste com outra categoria B da mesma ordem, desejam ser tratados e ter seu comportamento interpretado e julgado como próprio de A e não de B. Em outras palavras, declaram sua adesão à cultura compartilhada por A. Os efeitos disso, comparados com outros fatores que influenciam o comportamento efetivo, podem então ser tomados como objeto para investigação.

### *As fronteiras dos grupos étnicos*

Desse ponto de vista, o foco central para investigação passa a ser a

fronteira étnica que define o grupo e não o conteúdo cultural por ela delimitado. As fronteiras sobre as quais devemos concentrar nossa atenção são evidentemente fronteiras sociais, ainda que possam ter contrapartida territorial. Se um grupo mantém sua identidade quando seus membros interagem com outros, disso decorre a existência de critérios para determinação do pertencimento, assim como as maneiras de assinalar este pertencimento ou exclusão. Os grupos étnicos não são apenas ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos; e as diferentes maneiras através das quais eles são mantidos, não só as formas de recrutamento definitivo como também os modos de expressão e validação contínuas, devem ser analisadas.

Além disso, a fronteira étnica canaliza a vida social. Ela implica uma organização, na maior parte das vezes bastante complexa, do comportamento e das relações sociais. A identificação de uma outra pessoa como membro de um mesmo grupo étnico implica um compartilhamento de critérios de avaliação e de julgamento. Ou seja, é pressuposto que ambos estejam basicamente "jogando o mesmo jogo", e isso significa que há entre eles um potencial para diversificação e expansão de suas relações sociais, de modo a eventualmente cobrir todos os diferentes setores e domínios de atividade. Por outro lado, a dicotomização que considera os outros como estranhos, ou seja, membros de outro grupo étnico, implica o reconhecimento de limitações quanto às formas de compreensão compartilhadas, de diferenças nos critérios para julgamento de valor e de performance, bem como uma restrição da interação àqueles setores em que se pressupõe haver compreensão comum e interesses mútuos.

Isso torna possível compreender uma última forma de manutenção de fronteiras étnicas através da qual unidades e fronteiras culturais persistem. A manutenção de fronteiras étnicas implica também a existência de situações de contato social entre pessoas de diferentes culturas: os grupos étnicos só se mantêm como unidades significativas se acarretam diferenças marcantes no comporta-

mento, ou seja, diferenças culturais persistentes. No entanto, havendo interação entre pessoas de diferentes culturas, seria esperado que essas diferenças se reduzissem, uma vez que a interação tanto requer como gera certa congruência de códigos e valores — em outras palavras, uma similaridade ou comunidade cultural (cf. Barth, 1966 para minha argumentação a esse respeito). Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas a existência de critérios e sinais de identificação, mas também uma estruturação das interações que permita a persistência de diferenças culturais. Considero que a característica organizacional que deve ser geral em todas as relações interétnicas é um conjunto sistemático de regras que governam os encontros sociais interétnicos. Em toda vida social organizada, aquilo que pode ser tomado como relevante para a interação em qualquer situação social particular é prescrito (Goffman 1959). Havendo conformidade quanto a essas prescrições, a concordância das pessoas quanto a códigos e valores não precisa estender-se para além daquilo que é relevante para aquelas situações sociais nas quais elas interagem. Relações interétnicas estáveis pressupõem precisamente esse tipo de estrutura de interação: um conjunto de prescrições que governam as situações de contato e permitem uma articulação em alguns setores ou domínios de atividade específicos e um conjunto de interdições ou proscricções com relação a determinadas situações sociais, de modo a evitar interações interétnicas em outros setores; com isso, partes das culturas são protegidas da confrontação e da modificação.

### *Sistemas sociais poliétnicos*

Evidentemente, é isso o que Furnivall (1944) retratou com grande clareza em sua análise da sociedade plural: uma sociedade poliétnica integrada no âmbito do mercado sob o controle de um sistema estatal dominado por um dos grupos, mas preservando amplos espaços de diversidade cultural nos setores de atividade doméstica e religiosa.